

A ÁGUA E SUAS SIGNIFICAÇÕES EM UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA

Ewerton BATISTA-DUARTE

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Resumo

Este artigo explora as significações da água no romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), do autor moçambicano Mia Couto. Elemento essencial para a vida terrestre, a água garante a existência e a sobrevivência de todos os seres vivos, e pode ser considerada não apenas um elemento material essencial, mas também simbólico, cujas representações provocam divergências e aproximações entre povos e comunidades de diferentes culturas. O objetivo deste estudo é apresentar as múltiplas significações da água em diferentes contextos histórico-culturais, focando as representações construídas acerca do rio na poética de Mia Couto. Buscaremos sustentação teórica nuclear em Bachelard (1989), a fim de apreender as significações deste elemento sob o viés filosófico-poético. O referido teórico extrapola os limites da simbologia, ao explorar a imaginação criadora e falante, com foco no *psiquismo hidrante*, ou seja, no pensamento das águas. Por meio do método comparativo, almejamos compreender a relação da água no romance com as significações que residem em distintos cenários histórico-culturais, e contribuir para o entendimento acerca da simbologia da água na narrativa coutiana.

Palavras-chave: Significações; Água; Rio; Romance moçambicano.

WATER AND ITS SIGNIFICATIONS IN A RIVER CALLED TIME, A HOUSE CALLED EARTH

Abstract

*This research focuses on the meanings of water in the novel *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* [A River Called Time], by the Mozambican author Mia Couto. Water is an essential element for life on Earth, ensuring the existence and survival of all living beings. It can be considered not only an essential material element for human survival but also a symbolic one, whose representations spark both divergences and convergences among peoples and communities of different cultures. The objective of this study is to present the multiple significations of water in different historical-cultural contexts, focusing on the representations constructed around the river in Mia Couto's poetics. We will seek nuclear theoretical support in Bachelard (1989), in order to grasp the significations of this element under the philosophical-poetic bias. The aforementioned theorist goes beyond the limits of symbology by exploring the creative and speaking imagination, focusing on the hydrant psyche, that is, on the thought of the waters. Through the comparative method, we aim to understand the relationship of*

water in the novel with the meanings that reside in different historical-cultural scenarios, and contribute to the understanding of water symbology in Couto's narrative.

Keywords: Significations; Water; River; Mozambican novel.

EL AGUA Y SUS SIGNIFICADOS EN UN RÍO LLAMADO TIEMPO, UNA CASA LLAMADA TIERRA

Resumen

*Este artículo explora los significados del agua en la novela *Un río llamado tiempo, una casa llamada tierra* (2003), del autor mozambiqueño Mia Couto. Elemento esencial para la vida terrestre, el agua garantiza la existencia y la supervivencia de todos los seres vivos, y puede considerarse no solo un elemento material esencial, sino también simbólico, cuyas representaciones provocan divergencias y aproximaciones entre pueblos y comunidades de diferentes culturas. El objetivo de este estudio es presentar los múltiples significados del agua en diferentes contextos histórico-culturales, centrándose en las representaciones construidas sobre el río en la poética de Mia Couto. Buscaremos el sustento teórico fundamental en Bachelard (1989), con el fin de comprender los significados de este elemento desde una perspectiva filosófico-poética. Dicho teórico traspasa los límites de la simbología al explorar la imaginación creadora y elocuente, centrándose en la psique hidrante, es decir, en el pensamiento de las aguas. Mediante el método comparativo, pretendemos comprender la relación del agua en la novela con los significados que residen en distintos escenarios histórico-culturales, y contribuir a la comprensión de la simbología del agua en la narrativa de Couto.*

Palabras-clave: Significados; Agua; Río; Novela mozambiqueña.

Uma gota de água poderosa basta para criar um mundo e para dissolver a noite. Para sonhar o poder, necessita-se apenas de uma gota imaginada em profundidade. A água assim dinamizada é um embrião; dá à vida um impulso inesgotável (Bachelard, 1998, p. 10).

Introdução

A água é um elemento essencial para a vida terrestre, pois garante a existência e a sobrevivência de todos os seres vivos. Esse recurso natural faz-se presente em

diversas áreas: na agricultura, pelo meio da irrigação, necessária para suprir a necessidade hídrica de plantações; no meio ambiente e ecossistemas aquáticos, como rios, lagos, pântanos, oceanos, mangues, entre outros corpos d'água; nas atividades comerciais, sendo primordial para produção de materiais, tanto no âmbito da manufatura quanto das novas tecnologias de máquinas; no lazer e recreação, como piscinas, represas, poços e praias, como também em esportes: natação, pesca, canoagem, mergulho e vela. Ainda no campo do lazer e relaxamento, quem nunca escutou o dizer popular: “Tá nervoso? Vai pescar!”?

Na esfera da simbologia, Chevalier e Gheerbrant (2020, p. XVIII) declaram que o símbolo vai além do signo ou sinal, transcendendo o significado e possibilitando interpretações afetivas e dinâmicas. “Não apenas representa, embora de certo modo encobrindo, como – também de certo modo – realiza e anula ao mesmo tempo”. Desse modo, tanto no plano material quanto no imaginário, a água assume inúmeras significações¹, dependendo das concepções partilhadas de sociedade para sociedade. Cunha (2000, p. 16-17) expressa, poeticamente, essa pluralidade incutida nas diversas comunidades humanas:

A água está, assim, na natureza e, a um só tempo, na cultura. Está nos mitos e na história. Está no dia e na noite, nas estações do ano: nas águas de janeiro, primeiras águas, nas águas de março, que fecham o verão, como canta Tom Jobim, nas águas outonais ou primaveris. Está na vida dos amantes, nos encontros amorosos, nos beijos molhados, na dança dos corpos suados que se enlaçam e se fundem em ato de amor — no gozo lúbrico. Está nas celebrações da vida e da morte, nas cerimônias de adeus, a água-lágrima, no batismo, água-benta para a purificação divina.

No romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, publicado em 2002, Mia Couto retrata as várias facetas de Moçambique no período pós-independência. Assim como em *Terra sonâmbula* (1992), *A varanda do frangipani* (1996), *Mar me quer* (2000), só para citar alguns, o romance objeto de nossa análise

¹ O termo *significações* adotado nesta pesquisa sugere uma atividade dinâmica e plurifacetada. Não intencionamos descrever e/ou comparar as diferenças linguísticas teorizadas por intelectuais do campo da semântica e da pragmática. Neste estudo, a palavra *significações* está ligada a significados diversos que ultrapassam qualquer definição padronizada (“dicionarizada”). Sendo assim, assumimos *significações* como sinônimo de *interpretações* e *representações*.

desnuda os conflitos presentes na sociedade tradicional, por conta do processo de colonização no território africano. Nesse sentido, os espaços presentes na narrativa apresentam continuidades e rupturas, com questões dicotômicas entre tradição e modernidade, nativos e forasteiros, crenças africanas e cristianismo, línguas africanas e línguas europeias.

Diversos elementos culturais permeiam a obra coutiana carregados de significações, como, por exemplo, a presença da ave *mangondzwane* (pássaro-martelo), que simboliza mau presságio e maldição, ou a condição de ser circuncidado e não manter relacionamentos amorosos, posta como exigência para que se possa conduzir cerimônias fúnebres, assim, observando a tradição local. Dentre tantos aspectos fascinantes inseridos na sua poética, lançamos luz na inserção recorrente da água, mais especificamente do rio, como elemento vultoso constituinte da cultura moçambicana.

O objetivo deste artigo é explorar as significações da água em contextos histórico-culturais distintos, associando-as às representações construídas acerca do rio na produção coutiana. Para atingir tal finalidade, ancoramo-nos nuclearmente em Bachelard (1989), cujas reflexões filosóficas concebem a água como um ser completo, ou seja, possuidora de um corpo, uma alma e uma voz. Em sua obra, Bachelard insiste no pensamento de que:

[...] as vozes da água quase não são metafóricas, que a linguagem das águas é uma realidade poética direta, que os regatos e os rios *sonorizam* com estranha fidelidade as paisagens mudas, que as águas ruidosas ensinam os pássaros e os homens a cantar, a falar, a repetir, e que há, em suma, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana (p. 17).

Por meio de análise comparativa entre o romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003) e as interpretações construídas acerca da água em diferentes sociedades, almeja-se encontrar as semelhanças atribuídas a esse elemento, transitando por sua composição materialista até sua crença transcendental. Dessa forma, nosso percurso analítico abarcará significados compartilhados por outros povos, sem perder de vista a imaginação criadora coutiana que, pela tessitura de sua poética, estimula os leitores a (re)criarem outras imagens.

A prosa do autor, impregnada de oralidade, lirismo e neologismo, nos conduz à fusão de mundos. A língua portuguesa é, ela mesma, um rio que recebe afluentes das línguas bantu, criando uma sonoridade nova, capaz de expressar a alma moçambicana em sua complexidade. Conclui-se que a literatura é um espaço de liberdade onde as fronteiras linguístico-culturais podem ser transgredidas e (re)inventadas.

1 Do símbolo à imaginação falante

Antes de abordarmos as significações da água em diferentes terrenos, faz-se necessário explicitar alguns conceitos nucleares adotados nesta pesquisa. No âmbito dos estudos literários, Laurence Perrine (1974) introduz elementos constitutivos da ficção, poesia e drama. Para o autor, o símbolo pode ser uma pessoa, uma situação, uma ação ou qualquer coisa que tenha um sentido literal, mas que sugere ou representa outros significados. Símbolos são diferentes da metáfora e símile porque não suscitam uma comparação, no entanto, representam algo que ultrapassa seu limite.

Na mesma linha, Pitta (2017, p. 31) define o símbolo como todo signo concreto que conota algo faltante ou impossível de ser notado: “É uma representação que faz aparecer um sentido secreto. Os símbolos são visíveis nos rituais, nos mitos, na literatura, nas artes visuais e no cotidiano”. No romantismo sombrio, por exemplo, as narrativas de Edgar Allan Poe são ricamente atravessadas por símbolos ocultos. No conto *The Masque of the Red Death* [*A máscara da morte vermelha*] (1993), as sete salas/câmaras podem representar as etapas da vida humana ou as fases do nascer ao pôr do sol; o nome do protagonista, Príncipe Próspero, representa sua condição socioeconômica privilegiada; as baladas do relógio de ébano – tão estrondosas que causavam a interrupção da orquestra e dos dançarinos – significam o prenúncio da morte e a sua inevitabilidade.

Ao assumir uma linguagem poética e filosófica, na obra *A água e os sonhos*: ensaio sobre a imaginação da matéria (1989), Gaston Bachelard nos transporta para o universo hídrico, pintando paisagens poéticas que falam, sentem e escutam. Nesse entremeio, por conceitos teóricos e pelo devaneio, a água é discutida para além da noção restrita de símbolo – muitas vezes compreendida a partir de elaboração teórica oriunda de um campo específico –, sendo essa substância líquida nomeada de “[...] a senhora da linguagem fluida, da linguagem sem brusquidão, da linguagem contínua, continuada, da linguagem que abranda o ritmo” (p. 193). Nota-se que o autor extrapola os limites da simbologia, ao explorar a imaginação criadora e falante, com foco no *psiquismo hidrante*, ou seja, no pensamento das águas.

Pitta (2005, p. 16) elucida os conceitos explorados por Bachelard, demonstrando o liame entre símbolo, imagem e imaginário:

[...] o símbolo permite estabelecer o acordo entre o eu e o mundo; que os quatro elementos (terra, ar, água e fogo) são ‘harmônios da imaginação’. O símbolo é, pois, dinâmico e a partir de tal constatação Bachelard estabelece a relação entre símbolo, imagem, imaginário: ‘o vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é a imagem, é o imaginário. O valor de uma imagem se mede pela extensão de sua aura imaginária. Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta, evasiva. Ela é no psiquismo humano a experiência da abertura, a experiência da novidade’.

Em sintonia com o pensamento bachelardiano, o antropólogo e filósofo Durand (1996) se debruça sobre a teoria do imaginário, em busca de trazer novos desdobramentos nessa esfera. Sua relação complementar em relação ao pensamento do filósofo precursor pode ser observada na experiência da abertura, cujos pressupostos impugnam uma visão concentrada e reduzida. Para discorrer sobre o imaginário com competência, faz-se necessário “[...] possuir um repertório quase exaustivo do imaginário normal e patológico em todas as camadas culturais que a história, as mitologias, a etnologia, a lingüística [sic] e as literaturas nos propõem” (p. 18-19).

Nesse sentido, as próximas seções deste artigo se inscrevem nas diversas significações da água para sociedades em diferentes contextos histórico-sociais, relacionando-as às imagens incutidas na obra romanesca de Mia Couto. Sendo assim,

caminharemos com o aporte teórico de um lado – atentos à imagem reprodutora², – e, do outro, acolheremos os direcionamentos da imaginação criadora. Para Bachelard (1987, p. 2), não é possível desunir essas duas forças imaginantes, pois se deve “[...] tentar encontrar por trás das imagens que se mostram, as imagens que se ocultam, ir à própria raiz da forma imaginante”. Portanto, ao longo do trajeto, deixemo-nos pingar, escorrer, imergir, banhar e inundar nesse devir poético hídrico.

2 Significações da água na antiguidade

A água possui uma pluralidade de significados. No imaginário grego, a simbologia da água exerceu um papel fundamental, permeando mitos, rituais e até mesmo a concepção do universo. A água era vista como um elemento primordial, associado à criação e à fertilidade, e sua presença era reverenciada em diferentes contextos (Brandão, 2013). Na linha da criação do universo, Gondim e Rodrigues (2011) trazem à tona a figura de Tales de Mileto, filósofo pré-socrático que afirmou que a água era a causa de todas as coisas existentes. Ancorando seus pensamentos na noção de *lógos* – razão, explicação, lógica –, Tales concebia a água como elemento eterno e responsável pela constituição de todos os seres.

Os gregos associavam a água à purificação e à renovação. Eles se banhavam em rios, fontes ou mares sagrados, buscando limpar-se de impurezas físicas e espirituais (Leite, 2020). Esses rituais eram praticados antes de eventos importantes, como cerimônias religiosas e jogos atléticos, e simbolizavam a renovação e a conexão com as divindades. Para o referido autor, a água conecta o iniciado à memória da criação, ou seja, o ritual possibilita que o herói reconheça seu passado e seus ancestrais, afirmando, portanto, suas origens.

² Para Bachelard (2001, p. 2-3), “[...] a imagem percebida e a imagem criada são duas instâncias psíquicas muito diversas e seria necessária uma palavra especial para designar a *imagem imaginada*. Tudo que é dito nos manuais sobre a imaginação reprodutora deve ser creditado à percepção e à memória. A imaginação criadora tem funções completamente diversas da imaginação reprodutora. A ela pertence essa *função do irreal* que é psicologicamente tão útil quanto a *função do real*, evocada com tanta frequência pelos psicólogos para caracterizar a adaptação de um espírito à realidade etiquetada por valores sociais. Essa função do irreal reencontra valores de solidão.”

Ainda no âmbito da limpeza espiritual, a água era vista como fonte de cura e rejuvenescimento. Na cidade de Epidauro, havia um famoso santuário dedicado a Asclépio, deus da medicina, onde os enfermos buscavam a cura por meio de banhos terapêuticos. De acordo com Cairus e Ribeiro Jr. (2005), alguns procedimentos consistiam em oferecer um sacrifício ao deus, tomar um banho ritualístico e dormir no recinto sagrado à noite (prática de incubação), com o intuito de serem curados por Asclépio durante o sono.

Na mitologia grega, o mar era personificado por Poseidon, o deus dos oceanos, que controlava as águas e as tempestades. Ele era retratado como um ser imponente e poderoso, capaz de causar tanto a calma quanto a fúria dos mares. Entre os gregos, o oceano era concebido como um grande rio-serpente, que rodeava a terra. Assim, o oceano seria o primeiro deus das águas, filho de Urano e de Geia, e o mais velho dos titãs (Cavalcanti, 1997).

Além disso, as águas eram habitadas por diversas criaturas mitológicas, como as ninfas marinhas, os tritões e as sereias, que despertavam fascínio e temor nos navegantes. Basta recordarmos algumas das criaturas míticas de Homero, como por exemplo, Cila, Caríbdis e Calipso, presentes em *Odisseia*. Durante sua jornada para regressar à terra natal, Odisseu enfrenta monstros que coabitam o mar. No Canto V, *A caverna de Calipso e a balsa de Ulisses* (v. 410-422), o espaço marítimo é temido por Odisseu, representando os perigos e a imprevisibilidade do mar:

[...] não vejo meio nenhum de livrar-me do mar pardacento.
Tudo é cercado de pedras a prumo, e em redor vêm quebrar-se
ondas ruidosas, que molham as rochas erguidas e nuas.
A água é profunda demais, sem que ponto ofereça onde eu possa
firmar os pés para, alfim, conseguir escapar dos perigos.
Muito receio que uma onda me apanhe ao tentar sair da água
e contra as pedras me atire. Será todo o esforço baldado.
Mas, se, nadando, costear ainda um pouco, até ver se é possível
porto abrigado encontrar, ou lugar de viável aclave,
temo que mais uma vez a voragem das ondas me trague,
e para o oceano piscoso me arraste por entre gemidos,
ou que demônio potente do mar contra mim um dos monstros
faça atirar-se, dos muitos que a ilustre Anfitrite alimenta.

Tanto na alçada histórica quanto literária, a navegação é reproduzida por um viés de conquista, risco, de aventurar-se no desconhecido. Para Bachelard (1988), os verdadeiros interesses em navegar são impulsionados por interesses quiméricos, aqueles sonhados. “O herói do mar é um herói da morte. O primeiro marujo é o primeiro homem vivo que foi tão corajoso como um morto” (p. 76). O filósofo ainda enuncia que, para alguns sonhadores profundos, a morte não é a última viagem, mas, sim, a primeira viagem verdadeira.

Como símbolo de transição e transformação, os rios e mares eram considerados as fronteiras entre o mundo dos vivos e o dos mortos. “As águas salgada e doce, de mares e rios respectivamente, desempenham papel relevante como meio de formação da rede hídrica em que pesam os contatos entre os vivos e os falecidos” (Jourdan, 2023, p. 19). O rio Estige – uma ninfa convertida em rio infernal no submundo grego – integra o poema épico *A Divina Comédia*, de Dante, figurando esse espaço fronteiro:

E eu, a um remexer na água,
gentes lodosas vi no lameirão,
todas nuas, demonstrando irada mágoa.

Estavam-se a esmurrar, não só de mão,
mas co’ a cabeça, o corpo todo e os pés,
lanhando-se co’ os dentes de roldão.

Disse o bom Mestre: “Filho, aqui tu vês
as almas dos vencidos pela ira,
e vou dizer-te ainda, se me crês,

que embaixo d’água há gente que suspira,
fazendo-a borbulhar, e o não duvida,
mas to diz, teu olhar se em torno mira (Canto VII, v. 109-120, p. 64).

Na Roma Antiga, a água detinha um significado profundo e de múltiplas faces, permeando vários aspectos da vida cotidiana, da religião à política. Os romanos viam a água não apenas como um recurso essencial para a sobrevivência, mas também como um elemento simbólico crucial que refletia a complexidade de sua cultura (Silva, 2021). Assim como os gregos, os rituais religiosos romanos utilizavam a água como símbolo de purificação e renovação, e muitos de seus templos eram construídos próximos a fontes naturais ou aquedutos. Para Pires (2019, p. 196), os romanos

podiam escutar as águas dos riachos e lembrar as naumaquias, o grande banquete de César e “[...] sentir os deuses e outras divindades entre as árvores, no correr das águas e na simplicidade de uma religião rústica, simples e natural dos tempos antigos”.

A água também desempenhou um papel fulcral na engenharia romana, especialmente com o desenvolvimento de extensos sistemas de aquedutos. Essas estruturas permitiam a distribuição eficiente de água por toda a cidade, abastecendo fontes públicas e banhos termais. Pires (2019) menciona que, por intermédio de escavações na encosta sudeste do Janículo, foram constatados um sistema hidráulico de armazenamento de água natural e até mesmo a construção de uma cisterna. O famoso aqueduto Água Virgem, construído sob o comando do imperador Augusto, é um exemplo emblemático desse esforço, demonstrando como a infraestrutura hídrica era uma expressão do poder imperial.

3 Da sobrevivência terrena à transcendência

A água é um recurso indispensável para a sobrevivência de todos os seres vivos, em especial dos animais marinhos. Os animais que vivem nos oceanos, mares e rios – assim como as plantas, algas e outros organismos – dependem da água para uma série de processos essenciais. A água desempenha uma função basilar na manutenção da temperatura corporal, na obtenção de alimentos, na reprodução e na manutenção do equilíbrio osmótico dos animais aquáticos (Bonilla e Lucena, 2015).

Uma das principais funções da água para os animais marinhos é a regulação da temperatura corporal. A água é um excelente condutor de calor e ajuda a dissipar o excesso de temperatura do corpo desses animais. Além disso, muitos deles possuem adaptações fisiológicas para conservar ou dissipar calor, dependendo das condições ambientais. “A estrutura térmica no ambiente marinho é o resultado do balanço de calor entre água armazenada e as contribuições externas e internas de calor. As águas emitem calor de volta para a atmosfera por evaporação e convecção térmica” (Santos et al., 2018).

Se aprendemos nas aulas de ciências que cerca de 60% do peso corporal de um adulto médio é composto por água e que, sem esse recurso natural, o planeta Terra irá sucumbir, não há qualquer contra-argumento plausível que refute tais premissas científicas. Em 2023, acompanhamos pelas mídias dois casos trágicos relacionados à desidratação: uma brasileira morreu ao atravessar a fronteira do México com os Estados Unidos; outra brasileira perdeu a vida durante o show da cantora estadunidense Taylor Swift, realizado no Rio de Janeiro. Nota-se que ambos os registros corroboram as evidências científicas no âmbito da falta de ingestão de água/líquidos pelo ser humano. A água é, portanto, fator determinante para a sobrevivência humana.

Em várias tradições religiosas, a água é percebida como um elemento que transcende o mundo físico. Ela é valorizada por seu poder de limpeza, renovação e transformação espiritual, fazendo-se presente em religiões como Cristianismo, Islamismo, Hinduísmo, Judaísmo, Xamanismo, Wicca, entre outras. No Cristianismo, por exemplo, a água é usada no sacramento do batismo, simbolizando a purificação espiritual e o renascimento. É considerada uma representação do perdão dos pecados e da entrada na fé cristã. Quando João Batista apareceu no deserto, pregando um batismo de conversão para a remissão dos pecados, as pessoas:

[...] saíam para ir ter com ele toda a Judeia, toda Jerusalém, e eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados. João andava vestido de pelo de camelo e trazia um cinto de couro em volta dos rins, e alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre. Ele pôs-se a proclamar: 'Depois de mim vem outro mais poderoso do que eu, ante o qual não sou digno de me prostrar para desatar-lhe a correia do calçado. Eu vos batizei com água; ele, porém, vos batizará no Espírito Santo'. Ora, naqueles dias veio Jesus de Nazaré, da Galileia, e foi batizado por João, no Jordão. No momento em que Jesus saía da água, João viu os céus abertos e descer o Espírito em forma de pomba sobre ele. E ouviu-se dos céus uma voz: 'Tu és o meu Filho muito amado; em ti ponho minha afeição' (Bíblia, São Marcos 1, 5-11).

Na religiosidade afro-brasileira, os praticantes cultuam orixás, divindades que representam forças da natureza e aspectos da vida humana. A água também é um

componente potente nas celebrações e oferendas para honrar os orixás. Neto (2020, p. 109) desnuda o poder da água nessas práticas ritualísticas:

Aprendemos que é pela água que tudo se principia, que a água é cura, é apaziguadora. Acalmamos a Terra com água fresca, louvamos os ancestrais com a água, abrimos e acalmamos os caminhos com a água. De acordo com o costume e a tradição dos orixás, ao lançarmos água fresca nas portas de nossos ilês (casas/terreiros), estamos pedindo à Terra, a Exu e aos ancestrais que os nossos caminhos sejam apaziguados, que tenhamos êxito em nossa caminhada, que tenhamos paz, equilíbrio e tranquilidade em nossos dias. Pedimos que não nos deparemos com a desarmonia e que os perigos não nos encontrem.

Observa-se que essa visão da água que a tudo dá origem comunga com a filosofia pré-socrática de Tales, assim como com a simbologia de purificação e cura registrada nos templos sagrados desde os primórdios. Na cosmogonia afro-brasileira, os banhos também são rituais curativos, envolvendo uma grande variedade de ervas, utilizadas para eliminar as cargas energéticas negativas que reduzem o padrão vibratório³ de cada indivíduo.

Rituais realizados à beira dos rios e mares são considerados meios de estabelecer contato com o mundo espiritual, principalmente com entidades femininas, buscando orientação e proteção para a comunidade. A figura de Iemanjá, tal como suas múltiplas variações e representações em outras culturas, está ligada à maternidade e à fertilidade. Alguns de seus epítetos compreendem: Rainha do Mar, Rainha das Águas, Mãe dos Peixes, Mãe do Rio, Mãe dos Orixás, Senhora das Águas, Padroeira dos Pescadores, entre outros. No Brasil, Iemanjá é reverenciada no

³ Por ter uma relação muito íntima com as religiões afro-brasileiras, o espiritismo também possui a crença em padrão vibratório, influenciada por habitantes tanto do mundo físico quanto do espiritual. Segundo Emmanuel (Espírito, 1952, p. 102 e 112), “O pensamento é substância, coisa mensurável. Encarnados e desencarnados povoam o Planeta, na condição de habitantes dum imenso palácio de vários andares, em posições diversas, produzindo pensamentos múltiplos que se combinam, que se repelem ou que se neutralizam [...]. Precisamos compreender – repetimos – que os nossos pensamentos são forças, imagens, coisas e criações visíveis e tangíveis no campo espiritual. Atraímos companheiros e recursos, de conformidade com a natureza de nossas ideias, aspirações, invocações e apelos. Energia viva, o pensamento desloca, em torno de nós, forças sutis, construindo paisagens ou formas e criando centros magnéticos ou ondas, com os quais emitimos a nossa atuação ou recebemos a atuação dos outros”.

dia 2 de fevereiro, recebendo várias oferendas (velas, flores brancas, champagnes, perfumes) entregues no mar.

No hinduísmo, o rio Ganges é considerado sagrado, pois é a personificação da Deusa Ganga. Além de se banharem no rio com o intuito de serem absolvidos dos pecados cometidos no plano terrestre, muitos hindus usam a água do rio para escovar os dentes e preparar alimentos, coletando-a diretamente no rio e conservando-a em garrafas e potes para uso futuro. Esses fiéis acreditam que a água do Ganges não serve apenas para garantir a passagem para um plano espiritual melhor, mas também tem o poder de curar as doenças físicas (informação verbal)⁴.

A deidade relacionada às águas é incorporada, potentemente, nas narrativas da escritora nigeriana Flora Nwapa. Desde o seu primeiro romance, *Efuru* (1966), até o último, *The Lake Goddess* (1995), publicado postumamente, a deusa do lago⁵ desempenha um papel crucial na vida das personagens, protegendo-as em inúmeras situações de perigo, como durante a Guerra de Biafra, por exemplo. Considerada a mãe protetora da comunidade de Oguta (localizada no sudeste da Nigéria), a deusa é venerada pelo povo igbo, por meio de sacrifícios e oferendas.

Há muitas outras figuras míticas protagonizadas por mulheres das águas: sereias, ninfas, ondinas, entre outras (sub)categorias. É importante mencionar que os atributos imputados a esses seres variam de comunidade para comunidade, podendo ser descritas como deusas benevolentes que trazem fertilidade e vida, ou até mesmo como uma figura mais perigosa, associada a afogamentos e perigos aquáticos. No Brasil, mais especificamente na várzea da Marituba, no estado de Alagoas, existe a lenda da "Mãe d'Água", "[...] que vira a canoa dos pescadores muito ambiciosos e [que] retiram desnecessariamente muito peixe da lagoa" (Diegues, 2008, p. 87). Ainda no solo brasileiro, há a lenda de Iara – metade mulher e metade peixe –, que usa sua

⁴ Fala do guia turístico Jayant Singh, realizada em dezembro de 2017, às margens do Rio Ganges, na cidade de Varanasi, Índia.

⁵ Nas obras romanescas de Flora Nwapa, a deusa do lago também é chamada de *Ogbuide* ou *Uhamiri*. Embora essa entidade seja cultuada por todos daquela comunidade igbo, apenas algumas mulheres podem vê-la através dos sonhos.

beleza física e harmoniosa voz para seduzir os homens, levando-os para as profundezas da água.

Tal relação expressiva entre as águas e as profusas deidades femininas podem ser explicadas por um viés bachelardiano. Ao explorar as formas de como a água pode evocar emoções, memórias e imaginação, o autor transita da imaginação material (todo líquido é uma água) para a perspectiva psicanalítica do inconsciente (toda água é um leite), enfatizando seu caráter feminino nutritivo:

A intuição da bebida fundamental, da água nutritiva como um leite, da água encarada como o elemento nutritivo, como o elemento que digerimos com evidência, é tão poderosa que talvez seja com a água assim *maternizada* que se compreende melhor a noção fundamental de elemento. O elemento líquido aparece então como um ultraleite, o leite da mãe das mães (Bachelard, 1989, p. 130, grifos próprios).

A fim de reforçar a associação da água com a maternidade, Bachelard afirma que, dentre os quatro elementos naturais, apenas a água pode nos embalar. Em suas palavras “É ela o *elemento embalador*. Este é mais um traço de seu caráter feminino: ela embala como uma mãe [...]. A água leva-nos. A água embala-nos. A água adormece-nos. A água devolve-nos a nossa mãe [*sic*]” (p. 136, grifos próprios). Tal atributo feminino à água extrapola o dado puramente biológico, inscrevendo-a em uma dimensão simbólica e imaginária, na qual ela representa acolhimento, aconchego e segurança, capaz de induzir ao sono e ao devaneio.

4 A presença da água em Mia Couto

No romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, a água desempenha um papel simbólico profundo, permeando toda a narrativa como um elemento multifacetado, repleto de significados. A água, especialmente sob a forma do rio, se entrelaça com o destino das personagens e com a estrutura da história, refletindo temas de memória, morte, vida e transformação.

O próprio título do romance já sugere uma correlação direta entre o rio e o tempo. A fluidez da água representa a passagem do tempo, a incapacidade de parar o seu fluxo e a constante metamorfose das experiências e memórias. Assim como a água de um rio nunca é a mesma, o tempo no romance é manante e indomável.

Observa-se uma intrínseca conexão entre a imagem do rio e a imagem da casa, sugerindo que ambas são manifestações de uma mesma temporalidade que busca abrigo e fluxo. A casa é o ponto de fixação, a tentativa de enraizar o tempo na terra, enquanto o rio é o tempo em sua forma pura, o devir que tudo carrega e transforma. A tensão entre o desejo de permanência e a inevitabilidade da mudança é resolvida na síntese poética de uma "casa chamada terra" banhada por um "rio chamado tempo" (Silva, 2010).

A narrativa é permeada por saltos temporais e uma mistura de tempos, o que reforça a ideia de que o tempo é algo que flui como um rio. As memórias de Mariano sobre sua infância e sobre o avô são fragmentadas e, muitas vezes, emergem de maneira inesperada, como uma corrente subterrânea que, de repente, vem à tona. O rio, nesse sentido, pode ser visto como uma metáfora para a memória – sempre em movimento, às vezes calma e outras vezes turbulenta, mas sempre presente.

No início da obra, a personagem Marianinho – que só recebe esse nome após o encontro com sua avó Dulcineusa –, cruza o rio para chegar até a Ilha Luar-do-Chão, por motivo do falecimento do avô Mariano. Durante a viagem de barco, o protagonista encontra uma anciã, Miserinha, cuja única vestimenta apresentável é um lenço colorido. A mulher, então, propositalmente, lança o lenço nas águas do rio, causando grande espanto em Marianinho que não entende o motivo de a idosa descartar o único adorno decente que possuía. Confuso, o menino estabelece o seguinte diálogo com Miserinha:

- Atirou o lenço fora? E por quê?
- Por sua causa, meu filho. Para lhe dar sortes.
- Por minha causa? Mas esse lenço era tão lindo/ E, agora, assim desperdiçado no rio...

- E depois? Há lugar melhor para deitar belezas? O rio estava tristonho que ela nunca vira. Lhe atirara aquela alegria. Para que as águas recordassem e fluíssem divinas graças.
- E você, meu filho, vai precisar muito de boa proteção (Couto, 2003, p. 4).

Nota-se que o rio é concebido como um ser vivo, que sente tristeza, alegria, possui uma memória e, também, pode trazer proteção. “A água tem também vozes indiretas. A natureza repercute ecos ontológicos” (Bachelard, 1989, p. 199). Nesse direcionamento, a análise da poética das águas na obra coutiana exige um mergulho nas profundezas do imaginário material, onde a substância aquática transcende sua constituição físico-química para se tornar uma linguagem ontológica.

A narrativa centraliza-se em uma dualidade estrutural que transcende a mera ambientação geográfica, propondo o elemento líquido não apenas como cenário, mas como uma substância que rege a temporalidade e a própria existência das personagens. A travessia do protagonista para a ilha de Luar-do-Chão estabelece, desde o início, uma ruptura com a linearidade do tempo cronológico urbano, imergindo o leitor em um tempo espiralado, no qual passado e presente coabitam na correnteza. Para o filósofo e linguista ruandês Alexis Kagame, não há um termo específico para se referir ao conceito de tempo na cultura bantu. No que tange à percepção do tempo no pensamento africano, o intelectual esclarece que

[...] qualquer Existente, assim que surge, supõe necessariamente o antes e o depois. Daí resulta que o Existente – animado ou não, dotado ou não do movimento imanente, imóvel, em repouso ou fixo – é febricitante do movimento existencial, em sua trajetória para a consumação conatural. Esse movimento existencial é meta-físico, radicalmente inacessível a qualquer observação direta (Kagame, 1975, p. 106).

Navegando, então, na complexa tessitura de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, observa-se que o elemento líquido opera sob uma dialética constante, uma “dupla voz” que canta a vida e a finitude. O rio, nesse contexto, assume a função de um limiar metafísico que separa e une, simultaneamente, o mundo dos vivos e a esfera dos antepassados, operando uma dissolução das fronteiras rígidas da racionalidade ocidental. Essa ambivalência, na qual a água se configura como substância da vida e, paradoxalmente, como a matéria do adeus,

encontra eco nas reflexões sobre a imaginação da matéria, em que se postula que a água carrega "símbolos ambivalentes de nascimento e morte" (Bachelard, 1989, p. 93). No romance, a dualidade nascente e a correnteza – símbolos de vitalidade e de devir –, coexistem com a sombria realidade das viagens fúnebres e dos rituais de passagem, sugerindo que o rio dos mortos é o mesmo que irriga a existência dos vivos.

Sob a perspectiva da fenomenologia poética, a água é o elemento que ensina a morrer, pois sua capacidade de dissolução é a lição suprema de desapego da forma. Ao contemplar o desaparecimento dos objetos e dos corpos na correnteza, a personagem aprende que a morte não é o fim, mas uma integração na totalidade da matéria cósmica. Ao explicar sobre a morte de Mariavilhosa ao neto, a Avó Dulcineusa declara: "Água é o que ela era, meu neto. Sua mãe é o rio, está correndo por aí, nessas ondas. Para encontrar seu original formato seria preciso estancar as águas, plantando embondeiros no leito fundo" (Couto, 2003, p. 106). Nesse sentido, a água materna acolhe o retorno do ser, oferecendo um repouso que é, ao mesmo tempo, o prelúdio de um novo ciclo de existências e formas (Bachelard, 1989).

Percebemos que a memória não é um arquivo estático, mas um fluxo dinâmico, sujeito às cheias e vazantes da consciência. Na obra coutiana, a rememoração é indissociável das imagens hídricas; o ato de lembrar é, invariavelmente, um ato de "molhar" o pensamento. Há, nesse processo, uma fenomenologia do luto: cartas que se desfazem na umidade ou corpos lavados ritualisticamente indicam que a matéria visível da água sustenta o peso do invisível – o espírito, a saudade, o que resiste ao esquecimento.

A geografia, no romance, por sua vez, atua como um agente ativo na construção da identidade das personagens. O deslocamento do protagonista Marianinho, que deixa a urbe moderna para retornar à ilha de Luar-do-Chão, configura-se como um confronto entre epistemologias distintas: a racionalidade técnica versus a sabedoria ancestral. Nesse trânsito, o rio ergue-se como fronteira e sutura, um espaço limiar que divide mundos, mas que também possibilita a reconexão com uma identidade fragmentada (Daverni, 2011).

É interessante notar como a travessia das águas se torna uma metáfora para a travessia interior da personagem, que precisa navegar entre a inovação e a tradição para compreender seu lugar no cosmos familiar. Ademais, “Nenhuma pessoa é uma só vida. Nenhum lugar é apenas um lugar. Aqui tudo são moradias de espíritos, revelações de ocultos seres” (Couto, 2003, p. 201). A literatura crítica observa que, em Couto, a navegação por esses símbolos aquáticos é o que permite ao sujeito sonhar e, conseqüentemente, existir para além da morte física (Minuzzi, 2014). Assim, a memória material que se desmancha na água não desaparece; ela se liquefaz para, finalmente, ser absorvida pela terra e pelos que nela habitam.

Essa relação intrínseca entre o sujeito e o espaço estende-se à arquitetura simbólica da morada. A casa, na cosmogonia romanesca de Couto, transcende a função de abrigo para assumir contornos de um corpo materno e memorialístico. Existe uma simbiose entre a edificação e o rio, uma interdependência que desafia a lógica cartesiana: para adentrar a casa, é preciso antes pedir licença às águas, estabelecendo uma hierarquia, na qual o elemento natural detém a autoridade sobre o humano (Portela, 2007). A casa-ancestral, portanto, não se sustenta apenas sobre o solo, mas flutua no imaginário das gerações que a habitam e a “regam” com suas vivências.

Não é por acaso que, antes de adentrarem à ilha de Luar-do-Chão, o Tio Abstinência ajoelha-se e faz um círculo na areia. O rabisco, ao lado da margem, separa os mundos: de um lado, a família; do outro, os que chegam. Depois que uma onda avança e desmancha o desenho, o Tio Abstinência anuncia: “O Homem trança, o rio destrança” (Couto, 2003, p. 26).

A conexão com os antepassados, mediada pelo rio, é o que garante a continuidade da comunidade e a transmissão dos valores éticos e espirituais. Sem essa ligação, o indivíduo é uma folha seca levada pelo vento, sem direção e sem sentido (Oliveira; Oliveira, 2018). Pois, conforme argumenta Kagame (1975, p. 117), os mortos, no pensamento africano, continuam sua trajetória existencial de existentes,

já que: “[...] seu fim conatural é a Eternidade, ou o existir perpetuamente, em razão de seu princípio vital de inteligência que é imortal”.

Aprofundando a discussão sobre a ancestralidade, nota-se que ela opera como um mecanismo de resistência cultural frente aos apagamentos históricos impostos pela modernidade e pelo colonialismo. O rio, nesse contexto, é elevado à categoria de arquivo vivo, um local de encontro ritualístico com os antepassados. A água não apenas “está” lá; ela “é” a presença sagrada que sustenta a identidade coletiva e a continuidade dos laços comunitários (Oliveira; Oliveira, 2018). Essa perspectiva dialoga com a noção de que a identidade, na narrativa, é uma construção que depende da manutenção da oralidade e do respeito aos saberes pretéritos, como pontua Freitas (2023), ao analisar a construção identitária na obra.

A própria escrita das cartas do avô sofre a ação da umidade, evidenciando que a palavra escrita é perecível diante da força da natureza. O ato de escrever é uma tentativa de fixar o que é efêmero, mas a água acaba por borrar a tinta e desfazer o papel, devolvendo o poder à linguagem falada. Isso sugere uma supremacia da oralidade que deve ser nutrida pelas novas gerações, reforçando a ideia de que a “verdade” – no sentido de sabedoria –, reside na voz e não na letra.

É crucial destacar a ética do cuidado que permeia a relação das personagens com o elemento líquido. Gestos que poderiam parecer triviais, como pedir licença ao rio ou a cena da avó Dulcineusa “regando” a casa e as próprias águas, revelam uma inversão ontológica profunda. Quando afirma “Tudo requer ser aguado [...]. E até o rio deve ser regado” (Couto, 2003, p. 55), o autor ilustra que a água demanda uma interação ativa; ela não é um recurso a ser explorado, mas uma entidade que exige zelo e respeito. Esse “regar o rio” simboliza a manutenção do fluxo da vida contra a estagnação da morte e do esquecimento, reafirmando que, na poética coutiana, a natureza e a humanidade não são opostos, mas margens do mesmo rio.

Se o rio é o tempo que passa e se transforma, a casa é a terra que acolhe e fixa – o espaço onde a identidade busca criar raízes. A sobrevivência da tradição e da memória familiar transcende qualquer construção impenetrável contra a mudança; ela

exige que a água do tempo circule, umedeça as paredes, a fim de manter viva a argila da existência. A insistência na umidade, na chuva e no ato de regar simboliza, em última instância, a manutenção dos laços ancestrais que se opõem à aridez do esquecimento e da individualidade.

A hermenêutica da morte, na obra analisada, distancia-se radicalmente da concepção ocidental de finitude como cessação absoluta, reconfigurando-se, antes, como um trânsito, uma travessia aquática na qual as fronteiras do ser se diluem. Essa fluidez ontológica encontra abrigo na fenomenologia da imaginação. Para Bachelard (1989, p. 94), no devaneio sobre a matéria líquida, "[...] a água dissolve mais completamente [...]. Ajuda-nos a morrer totalmente". No entanto, essa "morte total" sugerida pelo filósofo não deve ser lida como aniquilamento no contexto da poética coutiana, mas como uma desconstrução necessária das rigidezes da identidade e da memória; corpos que são lavados e cartas que se desfazem sob a chuva não perdem seus significados, mas transmutam-se, integrando-se a um fluxo maior, o rio dos mortos, que paradoxalmente irriga a existência.

Não se trata, todavia, apenas de dissolução, mas de uma alteração de estado que convoca a permanência da ancestralidade e a manifestação de uma espiritualidade imanente à paisagem. A água atua como o limiar que sustenta o indizível, operando como um veículo para o "estado incondicionado", onde o mito e a história se entrelaçam. Ao analisar a construção do espaço ficcional em Couto, observa-se que o rio e a casa estabelecem uma dialética temporal, em que o fluxo das águas mimetiza o fluxo da memória familiar, sugerindo que a morte é apenas uma outra margem da vida (Silva, 2010). Essa persistência do espírito no mundo fenomenal exige uma nova postura dos viventes, que devem aprender a navegar entre o visível e o invisível.

A trajetória do protagonista ilustra as tensões e as negociações do sujeito híbrido. Marianinho, ao retornar à ilha, encontra-se num entrelugar desconfortável, suspenso entre o conhecimento técnico da cidade e a sabedoria oral e mítica dos seus antepassados. Depreende-se que a resolução desse conflito não reside na escolha excludente de um dos pólos, mas na aceitação da ambivalência. A identidade, no

universo de Mia Couto, é uma construção em trânsito. A personagem descobre que não precisa renunciar à formação moderna para honrar a sua herança ancestral; ela precisa, antes, aprender a traduzir um mundo para o outro, ocupando essa "terceira margem" onde as culturas se encontram e se fecundam mutuamente.

A exigência ética manifesta-se nos rituais de interação com o ambiente, onde a natureza configura-se sujeito de direito e de vontade. A necessidade de pedir "licença" antes de adentrar o rio denota o reconhecimento da água como uma entidade mediadora, dotada de sacralidade e capacidade de julgamento. Tal agência torna-se evidente no episódio do redemoinho que rejeita a arma de fogo; as águas, em sua "inteligência" elemental, recusam a cumplicidade com a violência humana e o silêncio da injustiça. Essa dimensão simbólica ressoa com as análises sobre os significados múltiplos das águas, que transcendem a utilidade biológica para abarcar valores morais e comunitários (Cunha, 2000), transformando o rio em um guardião da ética ancestral.

A imbricação que une o rio e a terra em uma simbiose ontológica, sugere que a reconciliação é possível por meio da aceitação da natureza cíclica da existência. O tempo não é um inimigo a ser vencido, mas um rio a ser navegado, e a terra não é apenas pó, mas a casa onde o tempo repousa. Nas palavras da Avó Dulcineusa: "Há um rio que nasce dentro de nós, corre por dentro da casa e desagua não no mar, mas na terra. Esse rio uns chamam de vida" (Couto, 2003, p. 258). A sabedoria da poética coutiana reside em compreender que somos feitos da mesma matéria dos sonhos e das águas, e que, em sintonia com a ancestralidade, nosso destino é fluir.

Dessa forma, a centralidade do elemento aquático, que perpassa toda a diegese, revela-se a chave mestra para a nossa compreensão ontológica. O rio, longe de ser apenas um acidente geográfico que isola a ilha de Luar-do-Chão, afirma-se como uma entidade soberana, um "tempo" materializado que rege os ciclos da vida e da morte com uma lógica particular, indiferente às urgências cronológicas da modernidade urbana. A água atua como o grande dissolvente das certezas fixas. Ela corrói as armaduras do "assimilado", lava as formas impostas pelo colonialismo e nos obriga a confrontar a nudez de nossa própria essência.

Considerações Finais

A gente vai chegando à morte como um rio desencorpa no mar: uma parte está nascendo e, simultânea, a outra já se assombra no sem-fim (Mia Couto, 2007, p. 84).

No pensamento bachelardiano, a imaginação criadora encontra na água o seu elemento predileto, pois a fluidez da matéria convida à fluidez do pensamento e à liberdade das associações. O devaneio poético é uma forma de conhecimento que escapa às malhas da lógica formal, permitindo uma apreensão intuitiva das correspondências secretas entre as coisas. É através dessa imaginação aquática que conseguimos transcender a dureza da vida material e acessar uma dimensão de encanto e mistério.

A partir do percurso analítico construído neste artigo, foi possível compreender que a água, mais especificamente o rio, ultrapassa sua dimensão material e funcional para assumir um papel simbólico nuclear na construção do universo narrativo de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto. Ancorada em diferentes contextos histórico-culturais, a água revela-se como elemento polissêmico, capaz de articular vida e morte, memória e transformação, confirmando sua presença tanto na natureza quanto na cultura, conforme apontam os estudos mobilizados ao longo da análise.

O diálogo estabelecido entre a poética coutiana e as reflexões de Gaston Bachelard permitiu evidenciar que a água, concebida como um “ser completo”, dotado de corpo, alma e voz, manifesta-se na narrativa como mediadora entre mundos: o dos vivos e o dos mortos, o da tradição e o da modernidade, o do passado ancestral e o do presente em reconstrução. O rio, nesse sentido, não se limita a um espaço geográfico, mas configura-se como um lugar de passagem, de escuta e de reinscrição identitária.

Além disso, ao relacionar as significações atribuídas à água em diferentes culturas com as representações literárias presentes na obra de Mia Couto, constatou-

se a existência de sentidos compartilhados que atravessam sociedades diversas, como a ideia de purificação, regeneração, origem da vida e elo com o sagrado. Todavia, tais significações são ressignificadas pela imaginação criadora e cultural do autor, que, ao fundir oralidade, tradição africana e experimentalismo linguístico, constrói imagens singulares capazes de provocar o leitor a reinterpretar o mundo e suas simbologias.

A travessia pela hermenêutica do romance objeto nos conduz, inevitavelmente, a um porto onde as estruturas cartesianas se desfazem em favor de uma integração cosmogônica, filosófica e poética. Ao encerrar a leitura crítica desta obra e das reflexões teóricas que a cercam, percebe-se que a narrativa não se limita a retratar um regresso familiar, mas erige uma complexa arquitetura filosófica sobre a natureza do tempo, a consistência da memória e a fluidez das identidades em um contexto pós-colonial.

Referências

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Tradução de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1989.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Católica Online**. Tradução: Padre Matos Soares (1956). Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/sao-marcos/1/>. Acesso em: 8 jan. 2026.

BONILLA, Oriel Herrera; LUCENA, Eliseu Marlônio Pereira de. **Fundamentos em Ecologia**. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. 204 p.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. No princípio era a água. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 22-41, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2689>. Acesso em: 8 jan. 2026.

CAIRUS, Henrique Fortuna; RIBEIRO JUNIOR, Wilson Alves. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença** [on-line]. Coleção História e Saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. 251 p.

CAVALCANTI, Raïssa. **Mitos da Água: as imagens da alma no seu caminho evolutivo**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Significados múltiplos das águas. In: DIEGUES, Antônio Carlos (org.). **A imagem das águas**. São Paulo: HUCITEC, 2000. p. 15-25.

DAVERNI, Rodrigo Ferreira. **Um rio entre duas mundividências: leituras do espaço em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto**. 2011. 157 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011. Disponível em: <https://encurtador.com.br/cxAO>. Acesso em: 25 fev. 2026.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 6. ed. São Paulo: Hucitec: Nupalb: CEC/USP, 2008.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Tradução de Hélder Godinho. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

EMMANUEL (Espírito). **Roteiro**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1952.

FLEXA, Andreza dos Santos. História e identidade: Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto. **Mulemba**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 8, p. 29-40, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/4963>. Acesso em: 8 jan. 2026.

FREITAS, Ana Paula Beserra Rodrigues. A construção da identidade em “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, de Mia Couto. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 11, p. 1731-1743, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/12506/5826>. Acesso em: 8 jan. 2026.

GONDIM, Elnora; RODRIGUES, Osvaldino Marra. Pré-socráticos e a noção de ser: uma panorâmica. **Revista Prâxis**, Novo Hamburgo, v. 2, p. 31-42, 2017. Disponível

em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/1518>. Acesso em: 8 jan. 2026.

GRAMINHA, Marina Rachel; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Torrentes de sentidos: o simbolismo das águas no contexto umbandista. **Memorandum**, Belo Horizonte, v. 17, p. 122-148, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6670>. Acesso em: 25 fev. 2026.

KAGAME, Alexis. A percepção empírica do tempo e concepção da história no pensamento Bantu. In: RICOEUR, Paul (org.). **As culturas e o tempo**: Estudos reunidos pela UNESCO. Tradução de Gentil Tilton, Orlando dos Reis e Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1975.

LEITE, José Lourenço Araújo. **Do simbólico ao racional**: ensaio sobre a gênese da mitologia grega como introdução à filosofia. Salvador: EGBA, 2001.

MINUZZI, Luara Pinto. **Mia Couto e a simbologia de embarcações aquáticas**: navegar, mais do que preciso, é sonhável. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2140/1/455754.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2026.

OLIVEIRA, Thiara Cruz de; OLIVEIRA, Jurema José de. Ancestralidade: resistência cultural em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto. **Caderno Seminal**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 29, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/30989>. Acesso em: 8 jan. 2026.

PITTA, Danielle Perin Rocha. Imaginário serial: compartilhamento de arquétipos. **RuMoRes**, v. 11, n. 22, p. 27-40, 2017. Disponível em: <https://revistas.usp.br/Rumores/article/view/134370>. Acesso em: 8 jan. 2026.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.

POE, Edgar Allan. Introduction by John S. Whitley. **Tales of Mystery and Imagination**. London: Wordsworth Editions, 1993.

PORTELA, Ana Paula Valentim. Para entrar na casa de Mia Couto em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. **Revista Crioula**, São Paulo, n. 1, n.p. 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/crioula/article/view/52704/56564>. Acesso em: 8 jan. 2026.

RIBEIRO, João Ricardo. O significado da palavra água no Evangelho de João. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 92-107, jul.-dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26792/18495>. Acesso em: 8 jan. 2026.

SILVA, Ana Cláudia da. **O rio e a casa**: imagens do tempo na ficção de Mia Couto. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Ewerton BATISTA-DUARTE

Doutor em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), tendo realizado estágio doutoral na Ghent University, Bélgica; Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (Unitau); Especialista em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP) e Graduado em Letras pela Universidade Paulista (Unip). É membro-fundador do Grupo de Pesquisa “Literatura de Ancestralidade Negra” da PUC-SP. É Professor Efetivo de Língua Inglesa e Suas Literaturas na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Email: ewertonbatistaduarte@gmail.com.

REVISOR DE LINGUAGEM

Nome: Valéria Gomes Ignácio da Silva

E-mail: val.pizzani@uol.com.br

Recebido em: 15. fev.2026

Aprovado em: 26.fev.2026